

Roteiro da plenária final – Manifesto comunista

O centro das respostas se encontra nos slides. Este roteiro tem a finalidade de acrescentar alguns pontos que podem também ser colocados na plenária, para complementar a discussão, ou antecipar possíveis dúvidas ou polêmicas.

Sobre a definição do proletariado

No manifesto encontramos uma definição mais geral, que está na nota de Engels à edição inglesa de 1888, que é: “por proletários compreende-se a classe dos trabalhadores assalariados modernos, que privados dos meios de produção próprios, se veem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir”. Mas no corpo do texto é apresentada uma definição que associa diretamente proletariado a operários. “Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos *operários* modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho (...). Esses operários, constringidos a vender-se diariamente, são mercadoria...”

Isto pode trazer algumas dúvidas e discussões na plenária. É importante dizer que algumas polêmicas não serão aprofundadas no curso, pois o propósito da atividade é uma compreensão do que está no manifesto, e alguns desses temas estão sendo tratados no processo de reelaboração programática do partido.

Quanto à afirmação do manifesto é importante situar que na época de Marx proletariado e operários era praticamente sinônimos. Além de que Marx e Engels elaboravam sua doutrina focados nos operários. Em nossa época há uma diversificação maior do proletariado. Os operários são uma parte do proletariado.

Sobre as classes médias e sua tendência

Pode surgir no curso um debate sobre a caracterização das classes médias e sua tendência. Aqui, o mais importante é registrar a visão do manifesto, de que as camadas inferiores da classe média, “pequenos comerciantes, pessoas que vivem de rendas, artesãos e camponeses, caem nas fileiras do proletariado”. Mas pode ser apresentada a posição de Trotsky, nos “90 anos do manifesto”.

“Tomando como base, sobretudo o exemplo da ‘revolução industrial’ inglesa, os autores viam de maneira muito unilateral o processo de liquidação das classes médias, com a proletarização completa do artesanato, do pequeno comércio e do campesinato. Na verdade, as forças elementares da concorrência ainda não finalizaram esta obra, ao mesmo tempo progressista e bárbara. O capitalismo arruinou a pequena burguesia bem mais rapidamente do que a proletarizou. Por outro lado, a política consciente do estado burguês, há muito tempo, visa conservar artificialmente as camadas pequeno-burguesas. No polo oposto, o crescimento da técnica e a racionalização da grande produção, ao mesmo tempo em que engendram um desemprego crônico, freiam a proletarização da pequena-burguesia. Houve um extraordinário aumento do exército de técnicos, administradores, empregados de comércio, em outras palavras, daquilo que é chamado de ‘novas classes médias’.”

Sobre a definição do Lumpemproletariado

É importante dizer que não se trata de uma definição moral. Tem a ver com a localização na produção, e não dar a entender que os desempregados são lumpens. Em nossas fileiras há trabalhadores, em especial operários desempregados. Os companheiros seguem sendo proletários. O lumpem já está completamente marginalizado da produção social.

Sobre o papel revolucionário da burguesia

Além do aspecto de que a burguesia “foi a primeira a provar o que pode realizar a atividade humana”, e do revolucionamento permanente dos instrumentos de produção, criando pela primeira vez na

história a possibilidade da abundância, é importante registrar como a burguesia revolucionou as relações sociais, como está na afirmação de que a “burguesia calcou aos pés as relações feudais, *patriarcais* e idílicas”. Podemos destacar a questão das relações patriarcais, no que tem a ver com a situação da mulher. Ao mesmo tempo em que o capitalismo vai superexplorar a mulher, vai quebrar as relações patriarcais, porque as mulheres vão buscar sustento fora do âmbito doméstico e da família. Vai abrir as portas à independência das mulheres, à sua articulação social, o que foi algo revolucionário.

O manifesto aponta outros aspectos que tem a ver com a internacionalização da produção material, mas também intelectual. Estabelece um intercâmbio internacional, no lugar do antigo isolamento de regiões e nações.

Quanto ao papel reacionário, podemos mencionar as revoluções de 1848, onde a burguesia já passa a temer as revoluções, e os limites ao desenvolvimento humano e social que impõe a burguesia.

Marx afirma que: “O trabalhador cai no pauperismo, e este cresce ainda mais rapidamente que a população e a riqueza. É, pois, evidente, que a burguesia é incapaz de continuar desempenhando o papel de classe dominante; e de impor à sociedade, como lei suprema, as condições de existência de sua classe. Não pode exercer o seu domínio porque não pode mais assegurar a existência de seu escravo, mesmo no quadro de sua escravidão, porque é obrigada a deixá-lo cair em uma tal situação, que deve nutri-lo, em lugar de se fazer nutrir por ele. A sociedade não pode mais existir sob sua dominação, o que quer dizer que a existência da burguesia é, doravante, incompatível com a da sociedade”.

Trotsky, no texto “90 anos do manifesto comunista” faz uma observação de que o capitalismo, e por consequência, a burguesia, demonstraram ter mais fôlego do que imaginavam Marx e Engels, no manifesto. Aponta que o entrave ao desenvolvimento das forças produtivas ainda era relativo, e que as forças produtivas continuaram a crescer em escala mundial, sem interrupção, até a Primeira Guerra Mundial.

Qual a contradição fundamental do capitalismo?

A burguesia transformou os primitivos meios de produção anteriores em poderosas forças produtivas. Os transformou de meios individuais de produção em meios sociais, apenas manejáveis por uma coletividade de homens. A oficina individual deu lugar à fábrica, que impõe a cooperação de centenas e milhares de operários. Transformou-se a produção, deixando de ser uma cadeia de atos individuais para se transformar em uma cadeia de atos sociais, os produtos, de individuais, em produtos sociais.

No entanto, quem se apodera dos produtos do trabalho social são os proprietários dos meios de produção. No capitalismo, os produtos, criados agora socialmente, não eram propriedade daqueles que haviam posto realmente em marcha os meios de produção, e eram realmente os seus criadores, mas do capitalista.

A contradição entre a produção social e a apropriação privada é também a contradição entre a burguesia e o proletariado. Daí se derivam as outras contradições da produção capitalista.

Por se tratar de uma produção de mercadorias, voltada para o lucro e não para as necessidades sociais, vai ter sempre presente a *anarquia da produção*, aprofundada pela concorrência. Isto vai levar a que no capitalismo ocorram periodicamente as crises de superprodução, impensáveis em períodos históricos anteriores.

A contradição entre a produção social e a apropriação privada é portanto, a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção e propriedade burguesas. A propriedade privada burguesa, e o modo capitalista de produção e distribuição funcionam como uma camisa de força, que limita, entrava o desenvolvimento de uma produção a serviço dos trabalhadores, de seu bem estar. Essa contradição é a que nos dá a possibilidade e a necessidade concretas do socialismo, sistema onde será possível harmonizar o caráter social das forças produtivas com uma apropriação verdadeiramente social.

Sobre a mulher e a família

Nesta parte, Marx e Engels estão denunciando a hipocrisia burguesa em relação à mulher e à família. O programa dos comunistas de abolição da família não quer dizer a abolição dos laços afetivos entre os familiares, mas sim, o fim das relações opressivas que a concepção burguesa de família implica: submissão dos filhos e da mulher ao “chefe da família”, e sobretudo, a família enquanto célula social que garante a reprodução da força de trabalho. Queremos que tarefas que hoje recaem sobre as famílias (especialmente

sobre a mulher) sejam de responsabilidade social, organizadas pelo estado. Seguindo o exemplo da revolução russa, na qual houve um gigantesco esforço para garantir educação pública, creches, restaurantes e lavanderias públicas.

A hipocrisia burguesa de acusar os comunistas de quererem acabar com a família e ao mesmo tempo destruir os laços familiares do proletariado tem a ver com o fato de que a incorporação em massa das mulheres e crianças, com jornadas extenuantes de trabalho, somadas às péssimas condições de alimentação, moradia e saúde do proletariado, tornam o convívio familiar quase impossível. Um exemplo concreto mulheres tinham que voltar ao trabalho poucos dias após dar a luz, e sequer tinham tempo e condições de amamentar os filhos.

Quanto à acusação dos comunistas quererem instituir a “comunidade das mulheres” é igualmente hipócrita, dado que a burguesia alimentava cotidianamente a prostituição, e os patrões se consideravam “donos” das proletárias, especialmente das jovens, as estuprando, e utilizando do assédio sexual para punir as operárias e ameaçar seus empregos.